ORGANIZAÇÃO INDÍGENA YANOMAMI: DAS AMEAÇAS AO SEU TERRITÓRIO À REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NUMA SOCIEDADE SEM ESTADO

ORGANIZACIÓN INDIGENA YANOMAMI: DESDE LAS AMENAZAS A SU TERRITORIO HASTA LA REPRESENTACIÓN POLITICA EN UNA SOCIEDAD SIN ESTADO

YANOMAMI INDIGENOUS ORGANIZATION: FROM THEIR LAND THREATENING TO THE POLITICAL REPRESENTATION IN A NON-STATE SOCIETY

Maurice Seiji Tomioka Nilsson
Geógrafo mestrando em ecologia
pelo Inst. Nac. Pesq. Amazônia (Inpa)
mauricetomioka@ig.com.br

Resumo
Este artigo aborda a construção de uma organização indígena, a Hutukara Associação Yanomami, envolvendo as características das sociedades Yanomami e sua relação com as ameaças ao seu território. Partindo do relato de dois dos principais problemas sofridos pelos Yanomami, a invasão por garimpeiros no Papiu e as fazendas intrusadas no Ajarani, discuto o processo político de organização como uma necessidade percebida pelos Yanomami, que se apoiaram em parceiros para conseguir os objetivos de defesa territorial e sobrevivência cultural. A manutenção da paisagem florestal e da saúde da terra floresta onde habitam é a condição de sua sobrevivência, e esse é o aspecto que molda sua percepção sobre os invasores de seu território. Tal consciência política é a origem da criação de uma organização de defesa de seus direitos.

Palavras chave: Yanomami, território, fronteira agropecuária, garimpo, organização política

Resumen
Esto artigo trata de la construcción de una organización indigena, la "Hutukara Associação Yanomami", envolviendo las caracteristicas de las sociedades indigenas y su relación con las amenazas a el territorio indigena. Inicio a relatar dos de los principales problemas que afectan a los Yanomami la invasion por mineradores en la región del Papiu e las haciendas intruzadas en la región del Ajarani, discutimos así el processo de organización como una demanda en la percepcion de los Yanomami, que tuveron parceros para alcanzar sus objectivos de defesa de su territorio e su sobrevivencia cultural. Mantener la paisagede sus bosques e la salud de su tierra-bosque es una condiccion de sobrevivencia y este es el aspecto que define su percepcion a respecto de los invasores de su territorio. Esta

consciencia politica es la origen de la creación de una organización por la defensa de sus derechos.

Palabras chave: Yanomami, territorio, frontera agro pecuaria, mineracion, organización politica

Abstract
This article refers to the construction of an indigenous organization the "Hutukara Associação Yanomami" and how it is related with the characteristics of the Yanomami society and the challenge of land protecting from their invaders. It begins to tell about two of the majors problems that affect the Yanomami, the gold miners invasion and the farmers that are intruders at the Ajarani region, and I discuss the political organization process as a conscious demand by the Yanomami, which seek for partners to deal with their land defense goals and cultural surviving. The forest landscape maintenance and their land and forest health is the main condition to their survival and it is the reason of their perception of the hazards that the land invaders could cause. This political conscience is at the origin of the creation of an organization to defend their rights.

Keywords: Yanomami, territory, farming frontier, goldmining, political organization

Introdução

O senso comum ainda tem dificuldade de categorizar as sociedades indígenas brasileiras, sociedades sem Estado, por definição (Clastres, 2003: 151), dentro do universo da sociedade de Estado. A pouca compreensão da diversidade cultural das sociedades ameríndias no Brasil e a variedade de contextos históricos vividos, fazem a imprensa e a população a moldar preconceitos na rotulação, segundo interesses econômicos e políticos. Se uma sociedade possui membros qualificados, então ela perderia esse estatuto de indígena. Em Roraima esse discurso é evidente e tem afetado especialmente as sociedades do leste, que habitam a região dos Lavrados, as savanas naturais de Roraima. O fato de possuírem uma organização indígena poderosa, que conta entre seus membros com advogados indígenas, leva a uma tentativa de desqualificação de sua história. Por um outro lado, os Yanomami são considerados ainda "primitivos" no discurso local, o que torna difícil a interpretação de seu momento histórico atual, de franca organização política, com a criação de uma associação representativa forte e atuante, a Hutukara Associação Yanomami (HAY). Esse artigo pretende relatar e discutir a organização de uma representação política dos Yanomami numa perspectiva histórica e geográfica das ameaças e desafios territoriais

que os Yanomami têm enfrentado, em sua pluralidade. Defende também que tal organização é essencialmente um movimento intrínseco de tomada de consciência, a despeito das acusações de manipulação, movidas pelo interesse econômico local/ regional.

Diversidade intra-Yanomami

A etnia Yanomami possui uma diversidade interior já explícita na literatura, com diferenças lingüísticas e em parte culturais, mas com evidente similaridade entre seus diversos grupos. O contexto histórico e geográfico, da relação intercultural com os atores da sociedade nacional e internacional aumentam essa pluralidade, num território de 9664975 hectares. A organização política sempre privilegiou a comunidade, como coletivo de grupos familiares, que se unem ou se dividem conforme os consensos alcançados. A comunidade média é de 50 indivíduos, mas algumas alcançam 600 indivíduos, já denotando um processo de sedentarização maior, muitas vezes aglutinados por algum entreposto não Yanomami, um quartel, um posto ou uma missão.

Embora seja bastante controverso o papel desses postos de contato, hoje se tem como inveitável, valendo-se de uma metáfora médica, estes funcionam como uma "vacina cultural" da sociedade envolvente (Albert, 1985: 88). De maneira geral, o vigor cultural dos Yanomami é atestado pela seu modo de vida com evidente reflexo na paisagem: numa análise utilizando ferramentas de geoprocessamento e interpretação de imagens de satélite para detectar a extensão das clareiras de suas ocupações, é perceptível que os Yanomami modificam com retirada da vegetação original (corte raso) menos de 1% de seu território disponível, e a floresta é utilizada em larga extensão (Albert, 1992: 7; Albert;Tourneau, 2007)

Ameaças

O histórico de ameaças aos Yanomami tem seu momento mais marcante durante o regime militar, quando uma série de políticas públicas de ocupação da Amazônia, veio a produzir obras em seu território. A principal dessas foi a Perimetral Norte (BR-210), hoje desativada em todo esse trecho, mas que provocou uma série de epidemias, diminuindo a população de vários grupos por onde ela incidiu. Ao final do período militar, com a intauração da "Nova República", ainda sob eleições indiretas, ocorreu o evento mais trágico, o da invasão garimpeira, entre 1986 e 1993. Em função do inevitável contato,

regiões inteiras se desorganizaram, devido ao choque epidemiológico sobre as populações e a degradação ambiental da floresta e dos rios.

A luta pela demarcação e homologação da Terra Yanomami assumiu dimensão internacional, com forte pressão para que ela se efetivasse. Durante esse período, o Governo Brasileiro da Nova República ainda tomou medidas escandalosas como a Criação das Florestas Nacionais (Flona) Roraima e Amazonas, e demarcando o território em 19 ilhas (figura 1), de forma flagrantemente inconstitucional, e ainda criando três reservas garimpeiras, medidas essas hoje revogadas pela demarcação contínua (Albert, 1991).

Dessa luta, teve participação um jovem intérprete Yanomami, que veio a ganhar o Premio Global 500, dedicado a pessoas que se destacam na luta ambientalista. Davi Kopenawa assumiu para si a tarefa de organizar os Yanomami, e instrumentalizar a consciência oriunda do embate com as ameaças históricas, através de um programa de educação por ele idealizado, e executado pela organização de apoio Comissão Pró Yanomami (da antiga Comissão pela Criação do Parque Yanomami).

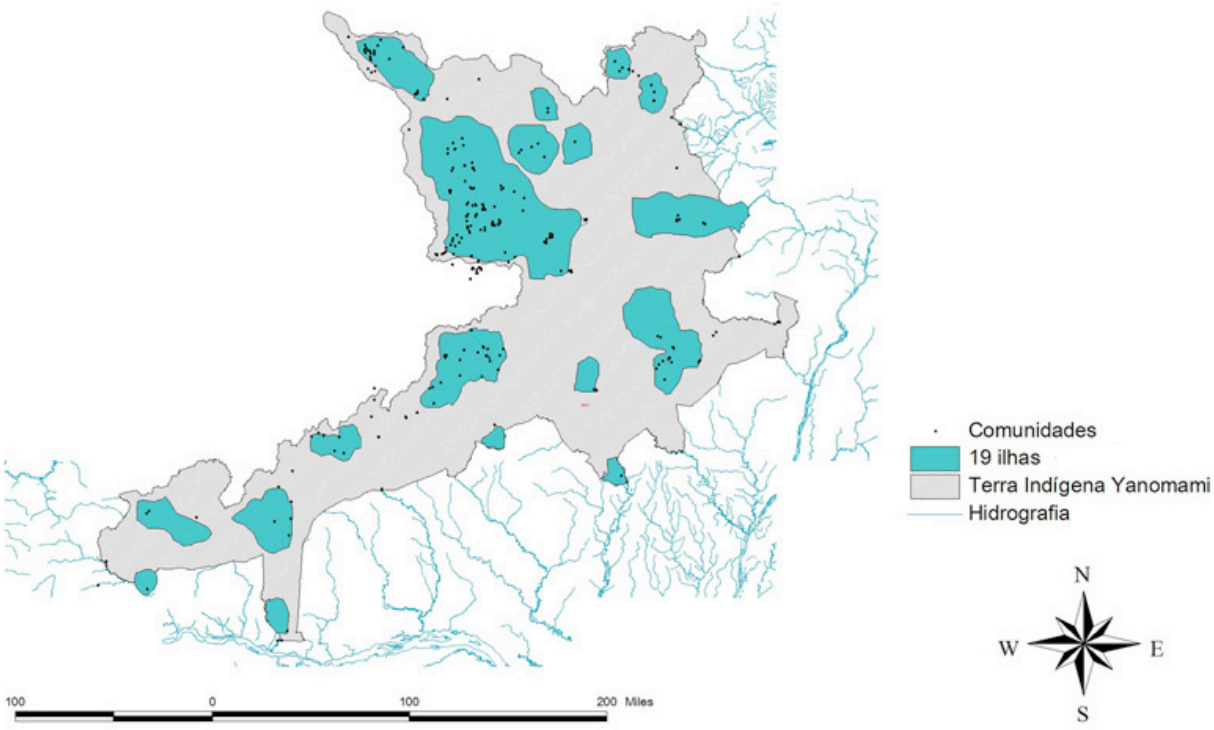

Figura 1: demarcação da Terra Indigena Yanomami em 19 ilhas (portaria nº 160 de 1988) e o território atual (Fonte: Maurice Nilsson, a partir da compilação em cartas topográficas 1:250.000 dos perímetros editados na Portaria 160/1988 - Arquivo CCPY).

Programa de Educação Intercultural

A criação de um programa de educação intercultural teve importante papel na formação de novas lideranças e de disseminar conhecimento sobre a nossa sociedade de forma simétrica: produzir uma "etnografia do branco", a partir do olhar Yanomami, e ao mesmo tempo se apoderar das ferramentas da nossa sociedade que tenham papel na desfesa de seus direitos: ferramentas conceituais, tais como conhecimentos matemáticos, conhecimento das leis e dos direitos indígenas, assim como ferramentas de fato, como o computador. Um aspecto interessante desse trabalho deu-se no próprio âmbito da criação das escolas, que manteve base comunitária, independente da variação de tamanho delas, o que fez com que algumas classes tivessem poucos alunos; a comunidade é a unidade política dos Yanomami e precisou ser respeitada na organização do processo escolar, garantido pela legislação brasileira (CF 1988, art.210, res. CEB 3/99). A organização da formação dos professores foi pensada segundo as diretrizes de uma escola diferenciada, com alfabetização em língua materna, com processos e métodos próprios de aprendizagem. (para mais informações, ver o site da organização de apoio: http://www.proyanomami.org.br/frame1/educacao.htm).

Rede tradicional política Yanomami

O exposto nas linhas abaixo encontra maior referência aos grupos Yanomam e Yanomami, pela experiência maior do Autor.

No interior de uma comunidade, enquanto reunião de grupos familiares, o principal ator político é o conjunto dos homens mais velhos (*pata thëpë*), que tem seu poder associado ao conhecimento que detém do universo vivido pelos Yanomami. A época certa das atividades ocorrerem são em geral respondidas pelos Pata thëpë, a partir de conversas noturnas na habitação (*yano, sai a, xapono*). É comum uma pergunta a um jovem sobre um evento ser respondida com um *"taimi; pata thëpë xiro thaɨ"("não sei, os homens velhos é que sabem").* Esse poder, no entanto, é subordinado aos interesses de toda a família, pois esta é a razão de existir poder.

Não existe a figura do "tuxaua" a priori: essa forma de liderança foi importada de outros grupos da bacia dos Rios Negro e Branco e tem pouco significado no contexto Yanomami. Hoje ele ganha força como um porta-voz com o mundo exterior, são os não yanomami (*napëpë*), que necessitam de ter "aquele que manda" como referência no interior de uma comunidade Yanomami.

A comunidade é a unidade política fundamental (Smole, 1976: 57), no entanto, ela pode ser efêmera no tempo, uma vez que há constantes mudanças de local, com cisões, secessões e uniões de grupos familiares, o que levou especialistas a tratarem várias definições sobre as configurações políticas dos Yanomami: Blocos populacionais (Chagnon, 1992), Sibs (Ramos, 1990) rede de alianças intercomunitárias (Albert 1985).

Um aspecto importante dentre os Yanomami é que eles mantém uma rede de relações com as comunidades circunvizinhas, que está no cerne de sua organização social: as trocas de utensílios e matrimônios, entre outras, são essenciais à perpetuação dessa organização. A rede de relações intercomunitárias abrange a totalidade (ou quase) das comunidades Yanomami, de forma que, mesmo que um Sanuma da Venezuela não conheça um Yanomae da baixada brasileira, há uma rede que os interliga. Uma vez que assuntos não Yanomami passaram a circular, em função de conselhos de saúde, reuniões e do processo escolar, com suas publicações de pequenos jornais, de maior conversa por rádio, as questões interculturais são tratadas ao modo de fazer política dos Yanomami, formando a base das intermediações políticas com o mundo exterior. Os jovens escolarizados, muitas vezes desempenhando alguma função (agente de saúde , professor) passam a ter um papel político mais destacado em função do conhecimento do mundo não yanomami. Muitas vezes isso não afeta o poder político dos pata thëpë, a quem os jovens mantém o respeito como liderança. Como a unidade familiar é a razão de existir da própria relação política, enquanto as relações sociais estiverem subordinadas à sobrevivência e aos interesses do grupo familiar, haverá mecanismos para balancear o poder de um dado indivíduo (Clastres, 2003), em especial, a importância da generosidade no meio social indígena (Kelly, 2005).

Hutukara Associação Yanomami

Em novembro de 2004 inaugura-se um novo marco na história dos Yanomami, pois eles se propõem ao desafio de organizar uma entidade representativa. A fundação da Hutukara Associação Yanomami ocorreu no Demini, comunidade de seu primeiro presidente, Davi Kopenawa, com a presença das primeiras 13 regiões fundadoras. Hutukara é uma referência à propria terra, interpretada como "o céu que caiu", por não ter tido alicerces fortes. Sendo uma referência essencialmente relacionada à sua terra-floresta, denota aí a preocupação com a gestão e defesa de seu território. A segunda assembléia abarcou praticamente o conjunto das regiões da Terra Yanomami, e com grande representatividade, pôde revelar as especificidades de cada uma delas, assim como seus maiores desafios territoriais, que são relatados a seguir:

1) Aumento das invasões garimpeiras, especialmente nas regiões do Papiu e Alto Catrimani, assim como no Rio Uraricoera. Como se trata de atividade dispersa, através das informações dos Yanomami foi montado um sistema de informações geográficas para dar suporte e acompanhamento às constantes denúncias que a associação faz ao poder público.
2) Invasão de fazendeiros no Ajarani. Uma questão que se arrasta desde antes da homologação da Terra Yanomami, quando o poder público, sob regime não democrático, expediu certidão negativa de existência de índios, apesar de o Rio Ajarani possuir na época considerável contigente de comunidades, hoje resumidas a duas ou tres. A proximidade com o meio rural colocou os Yanomami (Yawaripë) dessa região em situação de vulnerabilidade extrema.
3) A frente de contato, em suas fronteiras, sofrendo pressão em diversos pontos, alguns com trilhas que invadem o território, servindo de porta de entrada de garimpeiros e caçadores
4) Agravamento dos problemas de saúde: depois de um bem sucedido programa de saúde cujo conceito era o de assistência permanente, com presença nas comunidades e não se limitando aos postos de saúde, houve considerável piora em boa parte dos casos.

5) Grande demanda por escolas. Segundo a atual legislação, a escola diferenciada é um direitodas sociedades indígenas e tem importante papel na própria vigilância territorial, já discutidos acima.
6) comunicação. já na primeira assembléia a Hutukara Associação Yanomami consegue um conjunto de rádios transmissores e projetos de internet, para interligar a sede com os demais pólos e comunidades.
7) Projetos. Ameaças de papel não são menos perigosas. O projeto de lei de mineração em terras indígenas é o caso mais emblemático dos perigos que rondam os Yanomami, tendo eles que se apoderarem de conhecimento jurídico para compreender melhor o conteúdo e as nuances das leis; questões interpretativas, como "ouvidas as comunidades..." implicam em poder de veto ao interesse minerário, mas podem gerar dúvidas, principalmente se considerando quem são as comunidades de uma área de influência. Outros projetos são dignos de discussão como o que condena o infanticídio e propõe uma medida coercitiva de "retirar o indivíduo do meio para medidas educacionais" (PL1057/2007 e PEC 303/2008).

A defesa territorial está entre as preocupações centrais e também sob ameaças cuja solução depende do poder público, que tem sidoconstantemente chamado à responsabilidade.

O Autor teve participação em colocar à disposição os conhecimentos geográficos para assessorar na solução de seus desafios territoriais: criou e alimentou um banco de dados num sistema de informações geográficas com a situação demográfica dos Yanomami, situação de saúde e educação, assim como das denúncias e suspeitas de invasões registradas em área, utilizando-se também de técnicas de sensoriamento remoto.

Reativação dos garimpos

Concomitante às mudanças na esfera da saúde, em parte diminuindo a presença de técnicos de saúde em área, houve uma retomada da ofensiva parlamentar em busca da regulamentação da atividade mineradora em terras indígenas, o que gerou uma nova onda de invasões à Terra Yanomami. A reativação dos garimpos se dá de forma organizada por empresários de Boa Vista, conforme apura a PF:

> **"Empresários roraimenses financiam garimpo, aponta investigação da PF**
> **Andrezza Trajano, 28 janeiro 2009**
> O delegado Alan Gonçalves, titular da Delegacia de Meio Ambiente (Delemaph) da Polícia Federal, revelou com exclusividade à Folha que empresários roraimenses de sucesso seriam os grandes financiadores dos garimpos ilegais existentes no estado, inclusive na terra indígena Yanomami, onde um índio Yekuana foi morto a tiros na semana passada. As empresas, segundo a PF, seriam usadas para lavagem de dinheiro.
> Segundo ele, muitos desses empresários possuem uma atividade lícita para encobrir a ilegal, na tentativa de justificar a origem do dinheiro obtido com o comércio clandestino de pedras preciosas.
> "Todos os empresários que têm histórico de financiamento de garimpos serão alvos de novas investigações", frisou o delegado, sem querer adiantar em quais ramos esses profissionais atuam hoje.
> Os empresários sob suspeita também estariam envolvidos em crime de facilitação de fuga, conforme o delegado. Investigações apontaram a suposta participação deles na fuga dos cinco garimpeiros acusados de matar um índio Yekuana e deixar outro ferido, na semana passada, em Alto Alegre. Os empresários estariam até planejando retirar os garimpeiros do estado para livrá-los da prisão.
> (Folha de Boa Vista, 28 de janeiro de 2009)"

A distribuição espacial dos garimpos, no entanto, é esparsa e de difícil localização. A informação acima indica que o controle de tráfico aéreo é fundamental para impedir o suprimento dos garimpos em área, feito por pequenos aviões. Incidentes como a queda de aviões dão uma noção de quão freqüente tem sido a atividade na região. Localizar pistas na área não termina o problema, pois os garimpeiros adentram a mata e exploram grotas (garimpo manual) ou balsas de rio.

Denúncias pelos Yanomami não cessaram em mais de uma década e houve um significativo aumento da atividade ante a expectativa da regulamentação da mineração em terras indígenas, por um lado e uma maior ingerência de políticos do estado de Roraima no governo federal.

O Papiu está entre as regiões com maior incidência de garimpos, atualmente, reativados desde as invasões de 1988. utilizando-se de denúncias de Yanomami, o autor colheu informações sobre localidades onde as atividades ocorrem e investigou em imagens orbitais (cedidas pelo Inpe – www.dgi.inpe.br) as alterações já presentes.

Para uma fundamentação maior sobre a importância das alterações deixadas pelo garimpo em 1988, produzimos um pequeno estudo, com interpretação de imagens Landsat 5, de1988 a 1991, para detectar as alterações na paisagem causadas por garimpo e comparadas com as áreas alteradas por roças pelos 280 habitantes atuais da região. Para definir a região do Papiu a Terra Indígena Yanomami foi regionalizada em todos os seus povoamentos atualmente conhecidos, de forma a delimitar a área disponível para cada um desses grupos regionais. Foram informadas pelos Yanomami áreas de uso para caçadas habituais (*rama huu*) e para caçadas coletivas (*henimu*), para definir o alcance habitual de cada grupo regional. O resultado reflete a área disponível, não necessariamente a atualmente utilizada, uma vez que são necessárias regiões menos exploradas para recuperação de aportes de fauna etc. Por um outro lado foi feito o mapeamento de todas as ocupações mais intensas, com alteração perceptível da paisagem florestal, para as épocas de 1987-8, 2001-2 e 2008-9. A comparação entre a área disponível, e as alterações causadas pelos Yanomami e pelo garimpo demonstra que o garimpo modificou quase 1% da área total, e representa tres vezes a área alterada pelos Yanomami.

	área da região (hectares)	área alterada pelos Yanomami	área alterada pelo garimpo 1988-1991
PAPIU	142551	399.5	1342.8

Tabela 1:comparação entre a área disponível, a área alterada pelos Yanomami, e alterada pelo garimpo

Sabe-se que o garimpo afeta profundamente os ecossistemas aquáticos, aumentando a turbidez das águas e diminuindo sua piscosidade, além de problemas de contaminação e poluição. A presença garimpeira afeta também a fauna e a saúde das comunidades indígenas, sem resistência epidemiológica às doenças exógenas. Os Yanomami, ao se apoderarem da escrita produziram vários documentos em que atestam seu repúdio ao garimpo em suas terras, denunciando-os, lembrando às autoridades os problemas ambientais e sanitários causados pela atividade garimpeira na Terra Yanomami.

Várias denúncias feitas às autoridades foram municiadas com mapas, tanto pontuais, como mapas-síntese, com pontos de suspeitas, oriundas das imagens de satélite recentes, episódios e informações de Yanomami (figura 2 e 3).

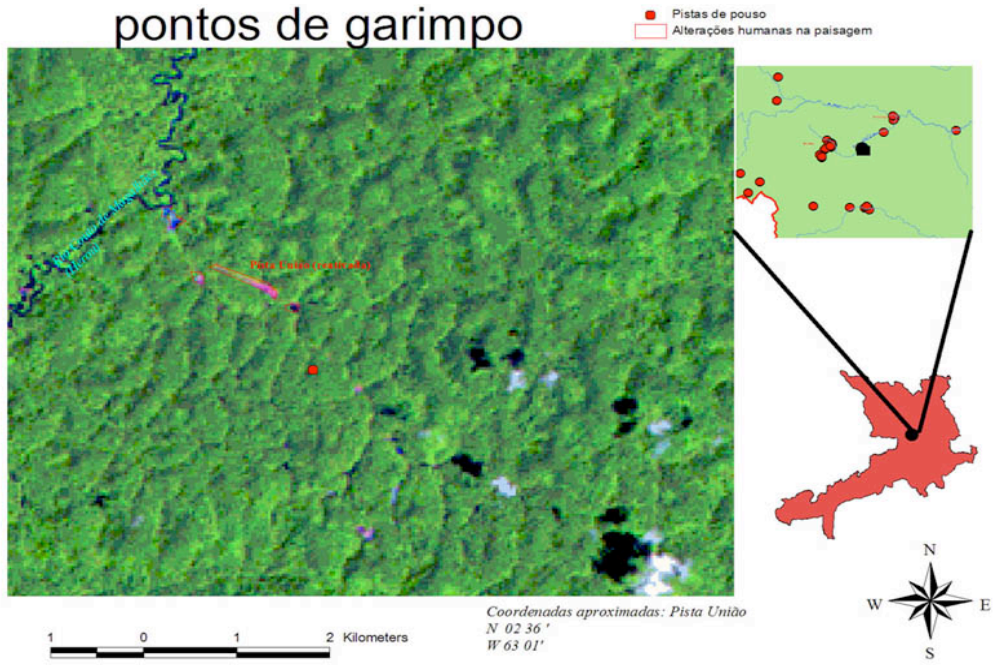

Figura 2: ponto de garimpo no Rio Couto de magalhães (Herou), imagem Landsat 5 em composição falsa cor RGB, bandas 5, 4 e 3, imagem Landsat 233/058 de 23 10 2008, gentilmente cedida por Inpe.

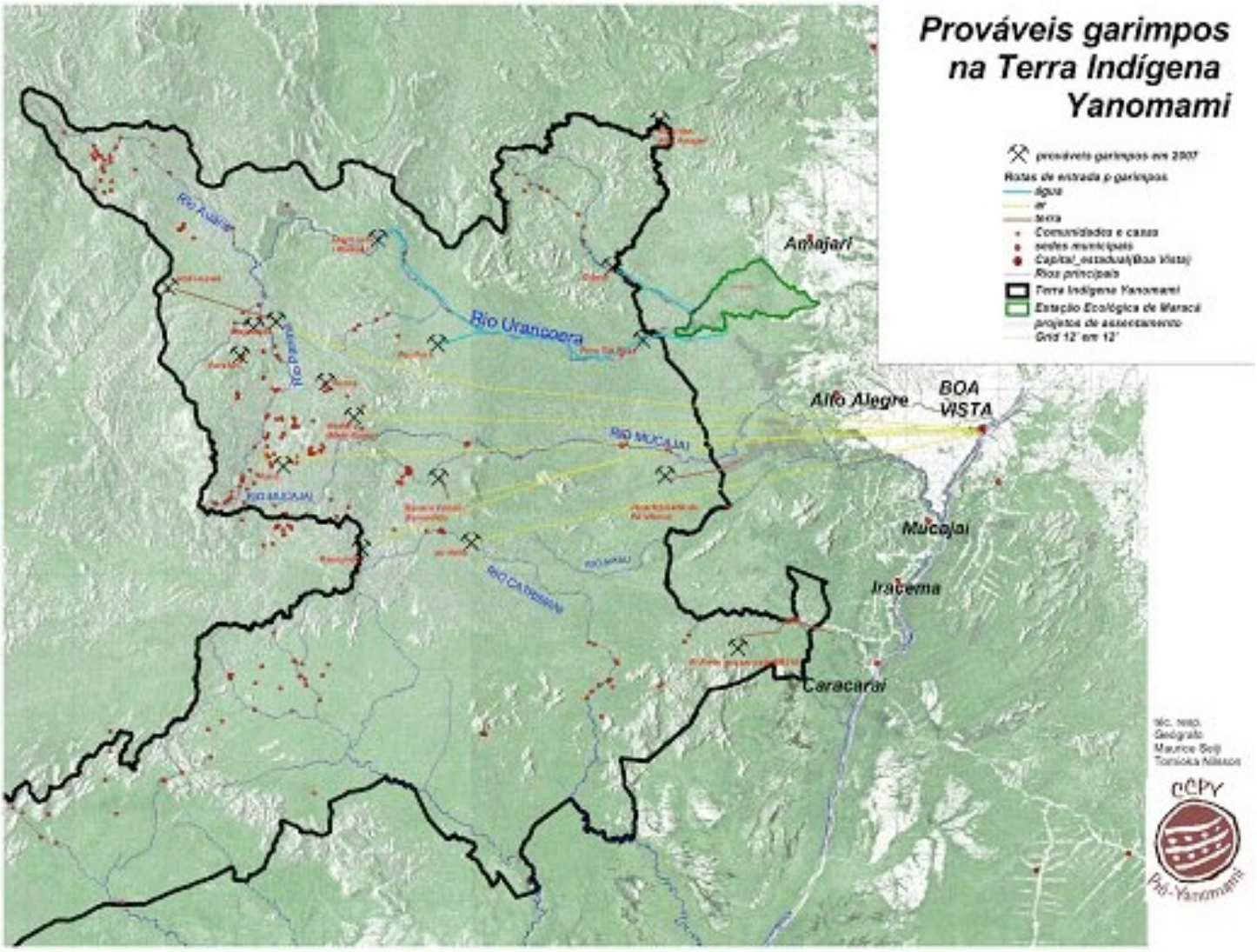

Figura 3: mapa realizado em 2006, com os prováveis garimpos na Terra Yanomami, em pesquisa realizada por ocasião da II Assembléia Geral da Hutukara Associação Yanomami, outubro de 2006

Ajarani e a fronteira agrícola do entorno

Foram produzidos materiais com imagens de satélites para apresentar a situação atual da invasão por fazendas de gado no Ajarani, revelando uma alteração concentradade mais de 7mil hectares de desmatamento permanente na região, feita por alguns poucos estabelecimentos para atender cerca de seis produtores rurais.

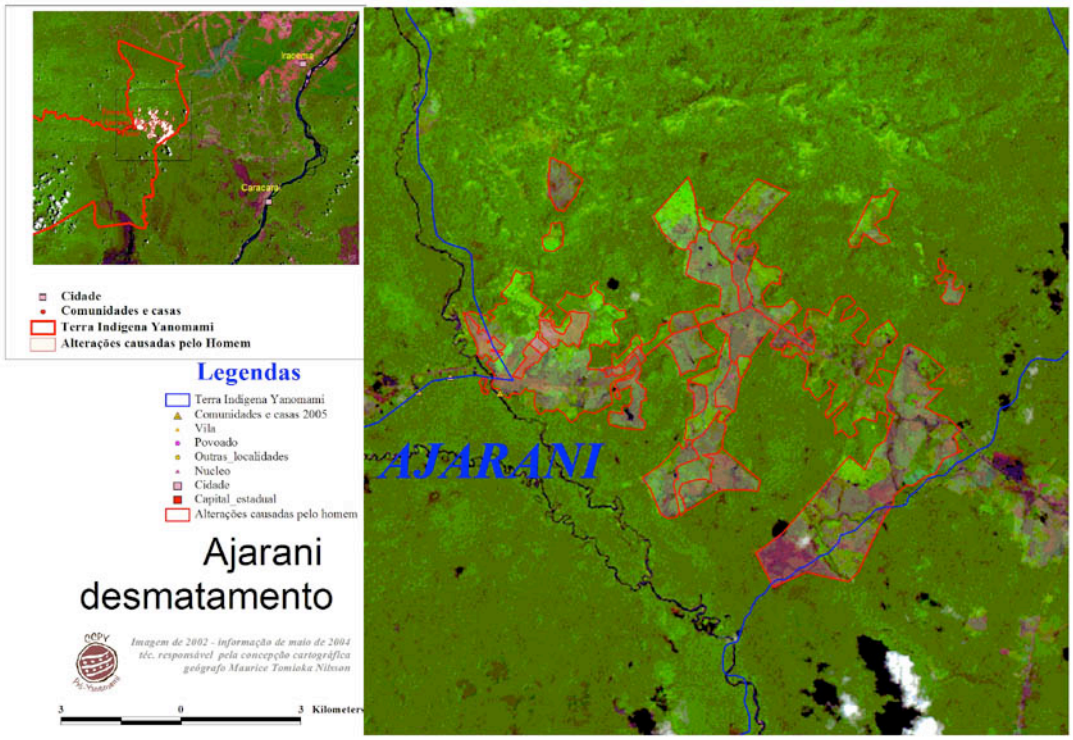

Figura 4: Desmatamentos na área ocupada por fazendas no Ajarani, Terra Yanomami; imagem CBERS bandas 2, 3 e 4, em falsa cor, de 2002.

Para efeito de comparação, considerando o modo tradicional de ocupação dos Yanomami, através de corte e queima de pequenas clareiras na floresta, essa cifra só é alcançada pelo núcleo mais densamente povoado (cerca de 6mil Yanomami), a região da Serra Parima, dispersos em mais de 850 clareiras numa área de 2,150 milhões de hectares (mais de um quarto da Terra Yanomami) (figura 5).

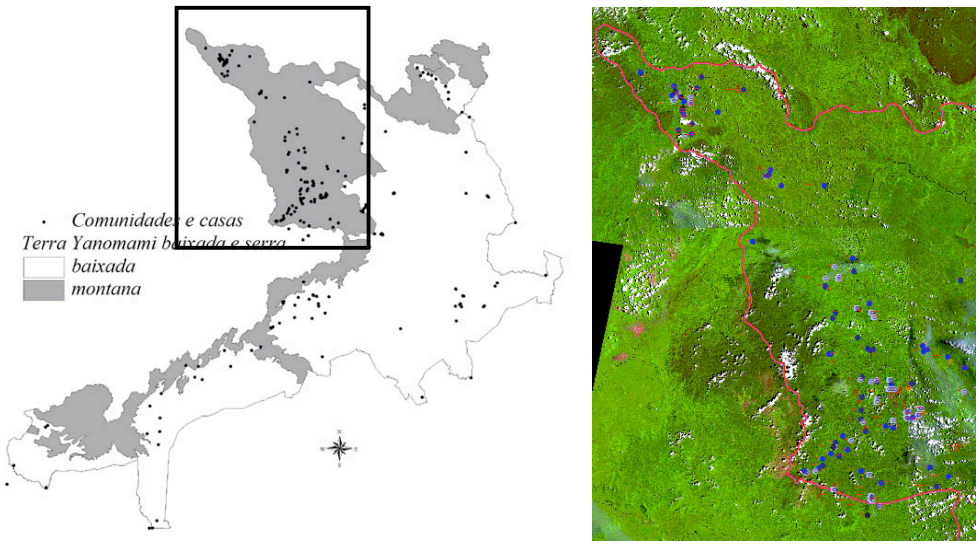

Figura 5: Área de serra onde habita a maioria da população Yanomami, cujas roças e aberturas na floresta totalizam 7mil hectares.

Os fazendeiros que persistem no Ajarani são a parte mais agressiva do problema do crescimento da fronteira agrícola, considerando que as práticas convencionais de uso da terra, baseados na pecuária prevalecem (Tourneau, 2003:36-7), aumentando o risco de incêndios florestais, como os de 1998, lembrando que em 2003, uma nova onda de incêndios ocorreu e alcançou a Terra Yanomami na região do Apiau. Segundo Barbosa (Barbosa, 2003:46-8) a queima torna a floresta mais suscetível a novos incêndios, aumentando a necessidade de se pensar a proteção da fronteira da Terra Yanomami. Também os projetos de colonização nessa região tem servido de porta de entrada para dentro da floresta, com objetivos de caça e garimpo, como atesta a trilha existente na região do assentamento Vila Nova, adentrando o interflúvio Apiu/Mucajai (figura 6)

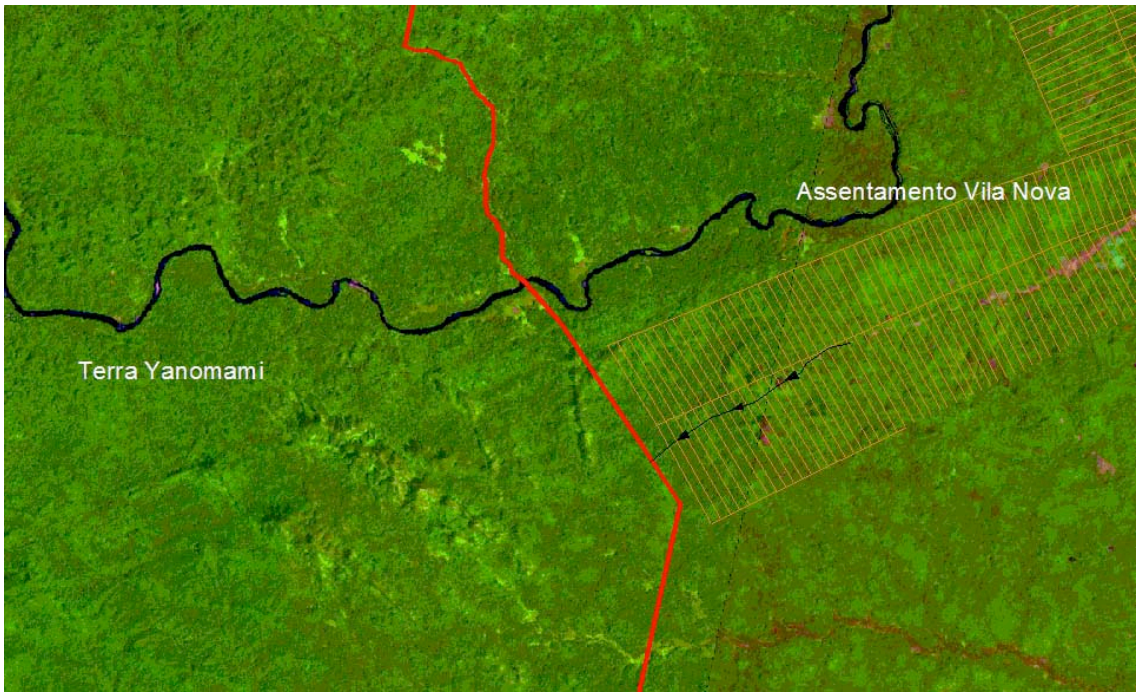

Figura 6: Imagem de satélite Landsat 2002 mostrando o contato entre o Projeto de Assentamento Vila Nova e a Terra Yanomami, onde há uma trilha no prolongamento da estrada vicinal.

Também a entrada fluvial pelo Uraricoera é facilitada pelo prolongamento de uma vicinal que alcança o Furo Maracá, em frente à Estação Ecológica Maracá. Tal local foi palco do episódio trágico que vitimou o Yekuana Luis Vicente, citada na Folha de Boa Vista, de 28 de janeiro de 2009.

A própria origem de boa parte dos trabalhadores assentados está na retirada maciça de garimpeiros a partir de 1992, e eles mantém forte relação com o poder político e econômico local; com uma base produtiva muito pequena e pouco apoio governamental, as empresas madeireiras criam uma relação com os assentados, que detém licenças para desmatamento e retirada de madeiras; tal processo foi constatado em outros projetos de assentamento da Amazônia (Barni, 2009:32-34)

O avanço e a pressão da fronteira agrícola pode aumentar com a prevista melhoria da conexão rodoviária entre o centro sul e Manaus, através da reconstrução da BR-319, atraindo trabalhadores e empresas madeireiras atualmente em Rondônia (Barni, 2009: 116).

Discussão

O relato acima se fez necessário para permitir um panorama mais próximo da situação vivida pelos Yanomami, quase ausente no cotidiano dos jornais de grande circulação do país. A organização política de sociedades sem estado faz-se necessária frente às ameaças impostas por membros da sociedade nacional, por um lado, e tem o alicerce nos direitos constitucionais consagrados em 1988. A forma como ela se dá, depende de fatores bastante complexos, relacionados às oportunidades e ao apoio que foi possível em seu momento histórico. Os Yanomami, no caso, certamente tiveram assessoria competente durante o período antecedente à criação da HAY. Isso não os desmerece quanto à consciência política adquirida na praxis, na relação direta com essas ameaças. O que essa assessoria pôde fazer foi fornecer elementos e instrumentos para a tomada de decisões, formação para a compreensão do mundo externo que cerca os Yanomami, dando conta também de se perceber o papel que povos indígenas possuem hoje, dentro dos mais variados contextos e significados do mundo atual. As características da cultura Yanomami em sua relação com a floresta abrem a oportunidade de acesso aos recursos destinados à contenção do desmatamento e à manutenção da floresta em pé como estoque de carbono e biodiversidade (Fearnside, 2005; Fearnside, 2003).

Dentre os Yanomami, as discussões políticas não são isentas de debates, e há um desafio enorme de compreensão de trâmites e questões mais apuradas, relacionadas aos mecanismos representativos da nossa sociedade, em que as lideranças tradicionais (*pata thëpë*) muitas vezes têm dificuldades de compreender. Os efeitos dessas dificuldades se fazem sentir nas reuniões de conselho de saúde, muitas vezes incompreensível, nas minúcias, para grande parte dos conselheiros que são lideranças tradicionais. Em muitos casos, como em 2004, o caráter democrático do conselho não impediu a tomada de decisões perniciosas aos Yanomami, como as medidas centralizadoras nos contratos com prestadoras de serviços, que impediam o funcionamento do já complexo sistema de saúde.

As duas questões territoriais, do garimpo e das invasões do Ajarani estão no debate interno sobre as opções, pois a aproximação dos Yanomami com a sociedade envolvente é movida pelo interesse deles em utensílios e ferramentas da sociedade industrial (Ferguson,

1995: 167-73). Isso os torna vulneráveis aos garimpeiros e aos fazendeiros. Os conselheiros da Hutukara e seus membros têm lutado muito para tentar esclarecer a distinção entre as ferramentas alcançadas e os interesses de seus fornecedores, demonstrando que o preço por elas pago, a terra, é muito alto.

O utensílio que causa mais preocupação é a arma de fogo, pois a mesma pode ser utilizada para caçar como para guerrear. (Pateo, 2006: 344-45)

A paisagem florestal, interpretada como valor cultural, põe novas perspectivas para a economia, que se desmaterializa de produtos, como ouro ou madeira, para possuir um valor como paisagem, como biodiversidade e estoque de carbono, numa economia já saturada de superproduções industriais e sob risco de mudanças climáticas. As relações interculturais, antes voltadas para a espoliação dos recursos naturais e de forma unilateral, ganham novas possibilidades, dentre os esforços de redução do desmatamento (Fearnside, 2003: 20). O comportamento conservacionista das sociedades indígenas depende de circunstâncias históricas, da forma como é estabelecida a relação intercultural.

A difusão na imprensa, ainda que pequena, dos problemas vivenciados pelos Yanomami podem ser creditados à maior pressão que a organização tem exercido sobre o poder público e sobre outros atores.

Esse texto procura ressaltar a importância dos mecanismos de discussão dos Yanomami em suas comunidades, por si só uma busca real de consenso no seu pequeno meio social. tais decisões alcançam a escala regional e por meio de representantes, fazer uma discussão global dos Yanomami. As práticas de debates (*hereamu*) dos Yanomami, uma busca pelo consenso, associada à tentativa de discutir e resolver os problemas de gestão e vigilância territorial que incidem sobre eles demonstram mais ainda o papel dos Yanomami como sujeitos de sua história e geografia, construindo dinamicamente estratégias de inserção e reconhecimento para com a sociedade universal. Longe de alimentar os discursos de manipulação impetrados pelos defensores da apropriação econômica das riquezas e recursos naturais de seu território, os Yanomami permanecem com uma compreensão própria dos valores de sua floresta, baseada em seu modo de vida e seu uso da floresta.

A interação com outros segmentos da sociedade civil, no entanto, se faz necessária, nesse momento, para que os Yanomami, através de sua organização consigam pressionar as autoridades nacionais para a retirada dos invasores de seu território, e garantir assim sua sobrevivência cultural.

Referências bibliográficas

Albert, B. Temps du sang, temps des cendres: representation de la maladie, système rituel e espace politique chez les Yanomami des Sud-est (Amazonnie Brasilienne). Nanterre Paris X Nanterre Paris, 1985. 800 p. p.

_____. Terras indígenas, política ambiental e Geopolítica militar no desenvolvimento da Amazônia:a propósito do caso yanomami. Revista do Museu Paraense Emílio Goeldi, p.37-58. 1991.

_____. Urihi: Terra, Economia e Saúde Yanomami. Série Antropologia 119**:** 20 p. p. 1992.

Albert, B. e F. M. L. Tourneau. Etnogeography and resource use among the Yanomami: Towards a model of reticular space. Current Antropology, v.48, n.4. 2007.

Barbosa, R. I. Incêndios florestais em Roraima: implicações ecológicas e lições para o desenvolvimento sustentado. In: B. Albert (Ed.). Fronteira agro-pecuária e Terra Indígena Yanomami em Roraima. Brasília: CCPY - Comissão Pró Yanomami, v.3, 2003. Incêndios florestais em Roraima: implicações ecológicas e lições para o desenvolvimento sustentado, p.43-54. (Documentos Yanomami)

Barni, P. E. Reconstrução e asfaltamento da Rodovia BR–319: Efeito "dominó" pode elevar as taxas de desmatamento no Sul do Estado de Roraima. Programa de Florestas Tropicais, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus AM, 2009. 137 p.

Chagnon, N. A. Yanomamö HBJ ed. Standford University, EUA 1992 (Case studies in Antropology)

Clastres, P. A sociedade contra o Estado. São Paulo SP: Cosac & Naify. 2003

Fearnside, P. M. Indigenous Peoples as Providers of enviromental Services in Amazonia: Warning signs from Mato Grosso. In: A. Hall (Ed.). Global Impact, Social Action: New enviromental policy in Latin America. London: School of Advanced Studies, Institute for the Study of the Americas, London, U.K., 2005. Indigenous Peoples as

Providers of enviromental Services in Amazonia: Warning signs from Mato Grosso, p.187-198

_____. A floresta amazônica nas mudanças globais Manaus INPA. 2003. 134 p. p.

Ferguson, B. Yanomami Warfare, a political history. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press. 1995

Kelly, J. A. Notas para uma teoria do "Virar branco". Mana v.11, p.201-234. 2005.

Pateo, R. D. D. Yanomami/garimpo: O retorno do caos. Povos Indígenas do Brasil 2001-2005. C. A. Ricardo. São Paulo: Instituto Socioambiental 2006.

Ramos, A. R. Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/ UnB. 1990. 344 p.

Smole, W. Yanoama A Cultural Geography: Texas Press. 1976

Tourneau, F. M. L. Colonização agrícola e áreas protegidas no Oeste de Roraima. In: B. Albert (Ed.). Fronteira agro-pecuária e Terra Indígena Yanomami em Roraima. Brasília: CCPY - Comissão Pró Yanomami, v.3, 2003. Colonização agrícola e áreas protegidas no Oeste de Roraima, p.13-42. (Documentos Yanomami)